

## O sonho do petróleo e a serpente das águas cuiabanas: Lobato e o Minhocão

Mário Cezar Silva Leite (UFMT)

**ABSTRACT:** This study consists, similarly to a concert, of multiple voices regarding nature and its forms in Mato Grosso: the topography, the Pantanal, the river. In the text, the voice of Monteiro Lobato dialogues with the voices of the people who live on the banks of Cuiabá river. In the dialogue, landscapes, dreams, prophecies, fears and myths are convergent.

### Monólogos dispersos

*“Meu plano agora é um só: dar ferro e petróleo ao Brasil.” (Monteiro Lobato)*

*“Eu enxergava nas vísceras das montanhas e nas profundas das planícies.” (Dom Bosco)*

*“Mato Grosso tresanda a petróleo, sua petróleo, exsolve-se em petróleo.” (Monteiro Lobato)*

*“Dá a impressão que é um bicho. Até aquele gás chamou a atenção daquele, de, Monteiro*

*Lobato. Veio de São Paulo pra ver esse gás.”  
(Seu Ditão)*

*“Lobato foi o único homem no Brasil que  
ganhou dinheiro com literatura e o perdeu  
com petróleo.” (Cassiano Nunes)*

*“Aqueles antigos... ih, falava que era o  
Minhocão.” (Seu Ditão)*

## **Diálogos**

Esse trabalho compõe-se de vozes que ao longo do tempo ecoaram dispersas. Minha tentativa ao realizá-lo é, na medida do possível, orquestrá-las e simultaneamente extrair daí uma ressonância que, na disparidade, apresenta pontos que se harmonizam. Por um lado, ergue-se a voz intelectual e urbana de homens que projetaram um Brasil próspero, grandioso e rico, com base na existência do petróleo em solo brasileiro. Nesse naipe o canto mais poderoso sai da garganta do escritor Monteiro Lobato. Um contra-canto, por outro lado, vem da voz de homens simples, enraizados às margens do rio Cuiabá, que traduziram suas vivências cotidianas com o rio em imaginação e mito.

O concerto põe à tona uma espécie caleidoscópica de diferentes leituras sobre a natureza e suas manifestações. Cada voz insere uma visão cultural específica sobre a topografia de Mato Grosso, o Pantanal, e o rio Cuiabá. E no diálogo convergem paisagem, sonhos, profecias, medos e mito.

Cumpra esclarecer que não tenho em mente a intenção de uma equação valorativa dessas leituras. Os universos de onde provêm colocam-se aqui como relativamente diferentes e não como superior e inferior. Tampouco proponho a redução de um mito a “fenômeno natural”. Teço a trama de pensamentos oriundos de esferas distintas que no mito se encontraram, o que relativiza a distância entre eles. O canto

sobrevivente desse encontro que ressoa no mito é que deve ecoar.

## A viagem

Durante os dez anos que se dedicou à Campanha Nacional do Petróleo, Monteiro Lobato percorreu o país fazendo conferências e palestras<sup>1</sup> sobre a existência de petróleo em solo brasileiro, a importância de sua exploração por brasileiros e o país que se poderia ter a partir dos resultados desta exploração. Nessa trilha de campanha, Lobato chega a Mato Grosso e a Cuiabá.

A memória cuiabana apagou, de certa forma, a visita do escritor. Poucos sabem ou se lembram de sua presença, em novembro de 1936. Não há muitos registros oficiais de sua passagem<sup>2</sup>. Além de uma entrevista para o jornal *O Matto Grosso* tudo o que obtive foi via oralidade e lembrança dos mais velhos.

A estada do escritor em Cuiabá inscreve-se e insere-se em uma perspectiva e um projeto que se enraiza na essência mesma de todo o conjunto de sua obra e suas lutas. Basta lembrar que a do petróleo não foi a única campanha nacional encabeçada por ele. Talvez a de maior vulto, mas não a única. Com um tom profundamente prometeico, e no limite do ideário paradisíaco, Lobato dedicou-se à tentativa de transformar o Brasil através da sua obra e do suas campanhas:

*“A obra de Lobato está inserida, é certo, num contexto social mais amplo e até num tempo histórico mais largo, mas, embora não única,*

---

<sup>1</sup> Segundo o escritor essa era uma das provas da “*tremenda força do petróleo*” pois havia “*jurado morrer sem nunca fazer discurso ou conferência.*” (Lobato, 1959)

<sup>2</sup> Refiro-me ao contexto cuiabano especificamente, pois o próprio Lobato narra a visita a Cuiabá no livro *Miscelanea*. (Lobato, 1948: 237 e segs).

*expressa com grande força pelo menos um grande mito, o de Prometeu que, em termos pessoais, talvez tenha sido até um mito obsedante.”<sup>3</sup>*

Na base e interior desse mito encontrava-se a fé na ciência e no conhecimento, o fogo de Prometeu, e em consequência natural uma grande nação civilizada, sem miséria e culta, um paraíso: “*Uma terra próspera com um povo bonito e inteligente.*”<sup>4</sup> Isso se verifica e confirma pela maneira como o escritor entendia o processo histórico:

*“A história para Lobato é um processo ao qual cabe um cálculo propositado: tem a missão e a utilidade de servir de lição ao futuro (...). É como se toda história como a própria cultura devessem obedecer a um projeto racional que pode ser construído e dirigido. Ao Lobato intriga que acontecimentos e fatos históricos não se dêem na direção do porvir e progresso. (...) o pensamento de Lobato acrescenta uma fé básica na possibilidade, não só da estruturação espontânea da identidade personal de um grupo cultural, como também acredita, (...), na possibilidade e no dever de influenciá-lo para certos rumos escolhidos.”<sup>5</sup>*

E com essa visão, permeada pelos mitos, o escritor empenhou-se na campanha do petróleo nacional com todas as forças.

Em sua paixão pelos Estados Unidos, tomados como paradigma de civilização e desenvolvimento, ele vê o ferro e o petróleo como “*elementos fundamentais da riqueza e felicidade na América.*”<sup>6</sup> Como o Brasil possuía, em sua opinião, esses dois elementos, não seria difícil transformá-lo em uma

---

<sup>3</sup> MELLONI, 1985: 15.

<sup>4</sup> Idem: 572.

<sup>5</sup> Idem: 316/285/286.

<sup>6</sup> NUNES, s/d: 3.

nação tão desenvolvida e rica como os Estados Unidos. Em artigo publicado em 1935, Breno Pinheiro diz:

*“Não se iludam, esse homem faz o que entende, realiza tudo o que quer a sua vontade forte. Veio da América do Norte e decidiu que aqui no Brasil, bem à flor da terra, temos petróleo do bom. Disse isso a toda gente, (...) e o petróleo, não tenham dúvidas, um dia, graças a Lobato, há de enriquecer-nos.”*<sup>7</sup>

As expectativas de Monteiro Lobato sobre a existência de petróleo brasileiro recaíam fortemente sobre Mato Grosso. Segundo ele, em *O Escândalo do Petróleo*, por mais petróleo que houvesse em Alagoas, no Amazonas, no Pará ou em Santa Catarina, não passava de *“café pequeno diante do formidável lago de petróleo em que se assenta Mato grosso.”*<sup>8</sup>

Obviamente não se tratava de meras especulações, o escritor cercou-se de todo um conhecimento e instrumental disponível para empreender a campanha e pô-la em prática:

*“Consulta técnicos, convoca engenheiros, reúne capitais e lança-se nesta grande tarefa de descobrir o petróleo brasileiro. (...) não colocou o problema em termos abstratos ou teóricos. O seu pensamento não ficou pairando no mundo dos projetos e prédicas. Transformou-se em ação.”*<sup>9</sup>

Alicerçava a existência do petróleo no Brasil, e em especial no Mato Grosso, uma geologia comparada que tomava por base a constituição geológica dos países vizinhos, que “perfuraram” e encontraram petróleo, e também os sinais emanados pelo solo mato-grossense. Estatísticas publicadas

---

<sup>7</sup> NUNES, 1979: 17.

<sup>8</sup> LOBATO, 1936: 20-1. Atualizei a ortografia do texto nas edições antigas, mas a respeitei nos títulos das obras.

<sup>9</sup> MELLONI. Op.cit: 336.

em *O Escândalo do Petróleo* e em artigos<sup>10</sup> apontavam a situação dos países vizinhos: Venezuela, Colômbia, Equador, Bolívia e Argentina. E davam conta da produção e exploração em barris e cifras nesses países, em comparação ao “Nada” e ao “Zero” da exploração e produção do Brasil. Segundo o escritor, jocosamente, os países “*começam não tendo petróleo*” e para ter é preciso “*perfurar*”, o que foi feito pelos vizinhos do Brasil, e em consequência encontraram-no.<sup>11</sup>

A certeza do petróleo avolumava-se à medida em que se traçava, com base na geologia comparada, a constituição do solo dos países produtores:

*“As imensas reservas da Colômbia e da Venezuela prolongam-se pelo subsolo do Equador e descem para a Bolívia, onde já existem três áreas de exploração (...). Esse lago subterrâneo de óleo entra depois pelo norte da Argentina e pelo Gran Chaco. (...) mas o imenso lago de petróleo do chaco boliviano e do chaco paraguaio teve o cuidado de respeitar a fronteira do Brasil. Não se prolonga pelo pantanal mato-grossense, que é geologicamente o chaco brasileiro. Respeitou os limites, porque sabe que ali começa o Brasil e seria feio desmoralizar as teorias do não-há-petróleo dos nossos ouvidos de pau geológicos.”*<sup>12</sup>

Vê-se, aqui, fortemente, de maneira irônica, desenhar-se uma possível geografia petrolífera no Brasil: o Pantanal mato-grossense, já, de certa forma, comprovada. Se ele existia nos chacos boliviano e paraguaio e se o Pantanal era a continuação desses chacos, só mesmo os “ouvidos de pau geológicos” para não terem a irrefutável certeza do petróleo em solo mato-grossense.

---

<sup>10</sup> Falarei adiante do artigo publicado pela Revista dos Tribunais.

<sup>11</sup> LOBATO, 1936: 45-9.

<sup>12</sup> Idem: 45-9.

Lobato, entretanto, não foi o primeiro a anunciar o petróleo de Mato Grosso. Antes dele, o engenheiro italiano Barzaretti fez estudos na região, conseguiu alguns contratos de terra e propagou que o petróleo do Pantanal iria ser explorado. Logo depois, Barzaretti foi assassinado em Campo Grande. Para Lobato, com um *“tiro mortal e de bons efeitos práticos, ninguém mais falou no petróleo mato-grossense.”*<sup>13</sup>

### **Pelas águas do antigo mar de Xaraés**

Fundamentava a comparação geológica, o fato de Mato Grosso ter sido em eras remotas um mar. Portanto, um repositório incontestado de petróleo. Dizia Monteiro Lobato:

*“O que foi Mato Grosso em eras remotíssimas? (...) Um mar. Um fundo de mar. Isso há milhares de séculos, no período Siluriano (...). Mato Grosso constitui uma parte do fundo do mar de Xaraés.”*<sup>14</sup>

Esse velho mar denunciava-se ainda nos *“resíduos subsistentes”*, lagos e lagoas de água salgada e muitos outros sinais que até *“os bois”* pantaneiros reconheciam como fonte de petróleo, indícios que se exibiam à flor da terra e da água:

*“Enormes extensões do território de Mato Grosso estão marcadas de sinais de óleo; de lagoas de água salgada, de calcários, conchas e aglomerados fósseis indicativos de formações petrolíferas; de derrames de asfalto, ou petróleo que perdeu por evaporação as partes mais leves; de eflorescências de petróleo; de natas de óleo*

---

<sup>13</sup> Idem: 75.

<sup>14</sup> Idem: 21.

*nos pantanos e cacimbas abertas; de emanações de gás de petróleo. (...) Mato Grosso tresanda a petroleo, súa petroleo, exsolve-se em petroleo.”*<sup>15</sup>

Sem entrar em muitos detalhes sobre esse ponto, tudo indica que Monteiro Lobato estava correto ao afirmar a existência desse mar remotíssimo que cobria as terras de Mato Grosso. No entanto, parece ter se equivocado na terminologia. O termo “*mar*” ou “*lago de Xaraés*”, provavelmente surgiu nos anos iniciais do século XVI, através dos viajantes-cronistas, que percorriam a região, e referia-se à área inundável do Pantanal, já em sua formação geológica próxima da contemporânea. Segundo Lécio Gomes de Souza, a expressão “*mar de Xaraés*” era a denominação do Pantanal dada pelos antigos exploradores, posteriormente substituída pela expressão “*lagoa de Xaraés*”.<sup>16</sup> O Projeto RADAMBRASIL informa também que “*as primeiras idéias sobre a evolução do Pantanal mato-grossense*” foram relatadas em 1943 e o autor reportava-se ao “ano de 1555” quando “*o Pantanal teria recebido a denominação de lago dos Xaraiés*” e que segundo os jesuítas Ayolas e Chaves, em uma carta datada de 1703, “*a grandiosidade do Pantanal inundado começa a levantar as primeiras hipóteses de um mar interior.*”<sup>17</sup>

O espanhol Cabeza de Vaca, que foi governador do rio da Prata, a partir de 1541, e que em sua viagem adentrou o Brasil por alguns meses, em seus *Comentários* narra o seu contato com os índios Xaraiés e as terras habitadas por eles:

*“Quando as águas começam a subir, que é por Janeiro, voltam (os índios Xaraiés) para as partes mais altas e seguras. As águas chegam a subir até seis braças por cima das barrancas e se estendem por toda a planície terra a dentro, parecendo um mar.”*<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Idem: 21.

<sup>16</sup> SOUZA, 1973: 25.

<sup>17</sup> RADAMBRASIL, 145.

<sup>18</sup> Cabeza de Vaca, 1987: 193-4.



Em um mapa, reproduzido nesse livro de Cabeza de Vaca, traçando a sua rota e de Hernando de Ribeira, a expressão que aparece é “*Pântanos Xaraiés*”, o que reforça o pensamento de Lécio Gomes, citado acima. De todo modo, o que é importante extrair aqui é que Lobato, apesar da troca terminológica, de fato cercava-se de todas as informações possíveis sobre o Pantanal.

Entretanto, a potencialidade petrolífera da região ainda se encontra em pesquisa. Aziz Ab’Sáber diz que:

*“Os conhecimentos acumulados sobre a espessura dos sedimentos e a conformação do assoalho da bacia do Pantanal são apenas suficientes para nos dar um idéia aproximada daquele compartimento tectônico.”*<sup>19</sup>

Afirma, ainda, o autor que o “*assoalho da bacia deve estar abaixo do nível atual dos mares*”. Essas descobertas geraram um “*movimento a favor de uma pesquisa mais sistemática*” no Pantanal, o que levou a Petrobrás “*a proceder novas perfurações*”. Mas “*do ponto de vista da pesquisa petrolífera*”, até agora, há “*uma grande frustração*”.<sup>20</sup>

Voltando a Monteiro Lobato, em sua visita a Mato Grosso, em 1936, o escritor reafirma a grandiosidade das potências petrolíferas das terras mato-grossenses. Em entrevista concedida ao jornal *O Matto Grosso* diz que a região “*espantará o mundo com uma expansão econômica proporcional ao seu imenso território*”, e continua dizendo que não há:

*“obstáculo nenhum para que Mato Grosso venha a ser o substituto da Standard Oil e da Royal Dutch no fornecimento de toda gasolina, óleo lubrificante, óleo combustível e querosene que o Brasil consome.”*<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> AB’SÁBER, 1988: 22.

<sup>20</sup> Idem: 22-3.

<sup>21</sup> A Campanha do Petróleo, 1936.

Com toda essa expectativa, era preciso um catalisador. Uma empresa que administrasse contrato de terras, pesquisas, perfurações, exploração e negociações desse petróleo. Funda-se então a Companhia Matogrossense de Petróleo. Apesar de apenas referir-se à Companhia nessa entrevista, tudo leva a crer que o processo de sua fundação já estava bem adiantado nesse período, pois o manifesto de fundação está datado de 05 de dezembro de 1936,<sup>22</sup> menos de um mês após a visita do escritor a Cuiabá.

Durante esses anos há a publicação de um livreto (ver nota 22) que parece ser uma grande propaganda da Matogrossense. Pode-se considerá-la, até certo ponto, como uma síntese d' *O Escandalo do Petroleo*, com a diferença de constituir-se de um discurso mais publicitário sobre o petróleo e sobre a Companhia. Repetem-se as discussões em torno do atraso do Brasil pela não exploração, a geologia comparada determinando a existência do petróleo, os preços que se poderia obter para seus derivados, como se tornar acionista etc.

Não obstante a veemência desse discurso, recorreu-se também a elementos externos que corroboravam e legitimavam as expectativas petrolíferas. Um desses elementos era um telegrama enviado pelo Marechal Rondon, com seguinte texto:

*“Felicito-vos pela clarividência na organização da Cia. Matogrossense de Petróleo visando explorar petróleo no sub-solo de Mato Grosso na minha opinião de incontestável e grande futuro. Isso verifiquei pessoalmente quando palmilhei a zona do rio Negro conduzindo para*

---

<sup>22</sup> O manifesto está incluído em um livreto intitulado *A Companhia Matogrossense de Petroleo*, publicado em São Paulo pela *Revista dos Tribunais*, sem data. Apesar disso, creio ser de 1937 ou 1938 por constar também de um telegrama do Marechal Rondon, enviado a Lobato, datado de maio de 37.

*Corumbá a construção da linha telegráfica em 1903. Viva Mato Grosso!”<sup>23</sup>*

Esse telegrama, precedido dos dados da companhia e procedido dos nomes dos incorporadores, reforçava, explicitamente, a idéia de que no solo matogrossense encontravam-se os sinais de óleo e as potencialidades petrolíferas da região. Pelo fato de confirmar as expectativas e por ser assinado pelo Marechal Cândido Rondon, assumiu, muito provavelmente, peso significativo dentro da campanha publicitária. O segundo elemento de forte apelo publicitário, no livreto, é um sonho-profecia.

### **Navega petróleo, leite e mel**

Na noite de 29 de agosto de 1883, o padre italiano João Bosco, ou Dom Bosco, teve um sonho-visão no qual fazia uma viagem de trem, com um acompanhante celeste, no percurso de Cartagena a Punta Arenas. Neste sonho, ele conseguia ver as entranhas da terra e suas riquezas.

De alguma forma os incorporadores da Matogrossense tiveram notícia desse sonho e Hilário Freire escreveu ao vice-diretor do Liceu Coração de Jesus, Pe. Zai, em São Paulo, pedindo informações. Pelo que se pode inferir da resposta do vice-diretor, a carta deve conter uma solicitação de esclarecimentos sobre as referências, ao petróleo no Brasil, de acordo com o sonho de Dom Bosco.

A resposta do Pe. Zai foi categórica. Dizia ele que *“existem mesmo referências a grandes depósitos do petróleo no Brasil”* e transcrevia, na carta, *“ao pé da letra”* o trecho do sonho:

*“Eu enxergava nas vísceras das montanhas e nas profundas da planície. Tinha sob meus olhos as riquezas incomparáveis dessas regiões, que um dia serão descobertas. Via*

---

<sup>23</sup> *A Companhia Matogrossense de Petróleo.*

*numerosos minérios de metais preciosos, jazidas inesgotáveis de carvão de pedra, depósitos de petróleo tão abundantes como jamais se acharam em outros lugares. Mas não era tudo. Entre os graus 15 e 20 existia um seio bastante largo e longo, que partia dum ponto onde se formava um lago. E então uma voz me disse repetidamente: Quando vierem escavar os minerais ocultos no meio desses montes, surgirá aqui a terra prometida, fluente de leite e mel. será uma riqueza inconcebível.”*<sup>24</sup>

Acompanhava o texto da profecia um esclarecimento que apontava a região entre os graus 15 e 20 como a região do Pantanal, transformado, em época de chuvas, em “*imenso lago*”, e a informação de que “*a zona de riquezas entrevista por Dom Bosco está na órbita das terras contratadas pela Companhia Matogrossense de Petróleo.*”

É, até certo ponto, irrelevante discutir aqui se os incorporadores acreditavam ou não na realização, ou mesmo na veracidade, desta profecia. A questão é que ela foi colada inexoravelmente ao projeto da Cia. de Petróleo, como uma poderosa força de concretização para o investimento.

Obviamente, cada cultura e civilização lida com o sonho de forma diferente. Entretanto, de maneira geral, talvez fosse possível falar que gravita em torno do sonho, em alguns casos em sua essência mesmo, uma atmosfera profética. E um exemplo brasileiro contemporâneo basta para configurar a “*institucionalização da função do sonho: o jogo do bicho.*”<sup>25</sup>

Estudando os problemas do sonho, Roger Caillois diz que:

---

<sup>24</sup> Na carta do padre Zai o trecho está no original italiano. A tradução para o português está publicada ao lado com as duas partes em destaque como reproduzo aqui. (*A Companhia Matogrossense de Petróleo*. pp.18-19 e *Memorie Biografiche de San Giovanni Bosco*. Vol. XVI, cap. XIII, p.390

<sup>25</sup> BASTIDES, 1978: 139.

*“É notável que (...) jamais se trate de interpretar os sonhos, de penetrar através das imagens que o compõem até a sua significação latente. O sonho é tomado ao pé da letra.(...). A revelação oriunda do sonho é uma duplicação que precede e desencadeia o real. Ela o fixa como deverá ocorrer. O futuro é desconhecido, múltiplo, indeterminado. Sonhado ele se torna imutável. Essa é a força do sonho: fazer a realidade curvar-se diante dele.”<sup>26</sup>*

Mesmo que esta citação refira-se às culturas da Ásia Menor, parece possível verificar uma aproximação nesse aspecto com a provável leitura que os incorporadores fizeram do sonho-profecia. O sonho antecipava a realidade que se tornava, uma vez sonhada, imutável. Ou verdade futura inalterável.

O sonho em si e a utilização dele pela Matogrossense congrega e converge múltiplas faces da relação humana com o sonho. A função de *“comunicação entre o sonhador e os poderes super-humanos ou sobrenaturais”*<sup>27</sup> estabeleceu-se aqui no interior do próprio sonho. Dom Bosco encontra-se acompanhado de uma entidade celestial, consegue enxergar as entranhas da terra e ouve uma voz que faz explicitamente uma referência bíblica. Isto sem contar que se tratava de um religioso já canonizado. Alia-se, nesse ponto, também o *“relacionamento do homem com o divino”*.<sup>28</sup> Uma outra face é que o sonho, geralmente, é visto *“como se fosse possuído por uma força cognitiva em relação aos setores de outra forma inacessíveis da realidade objetiva, especialmente o futuro”*.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> CAILLOIS, 1978: 33.

<sup>27</sup> VON GRUNEBAUM, 1978: 11.

<sup>28</sup> Idem: 11.

<sup>29</sup> Idem, ibidem. A aproximação que estabeleço entre culturas e épocas diferentes é possibilitada pelo próprio autor quando diz que: *“Para justificar certas atitudes contemporâneas em relação ao sonho, convém lembrar que as características particulares de um enfoque*

De alguma forma, esses elementos parecem permear a divulgação da profecia pela Matogrossense de Petróleo. E pode-se, no limite, inferir que a interpretação dada ressoasse nos leitores, e prováveis acionistas, com a mesma tendência.

Há, porém, dois dados presentes no sonho que foram ignorados pela Cia. de Petróleo. O primeiro é que, no trecho anterior ao enviado pelo padre Zai, o próprio Dom Bosco infere sobre a localização exata do que vê. Pergunta-se ele: “o *brasil?*”<sup>30</sup> Evidentemente a simples interrogação já seria um reforço incontestável para a campanha. O segundo dado refere-se ao tempo previsto para a realização da profecia. A entidade celestial - “*um jovem de seus dezesseis anos, amável e de beleza sobre-humana, todo radiante de viva luz*”<sup>31</sup> disse: “*Isso acontecerá antes que se passe a segunda geração.*” E Dom Bosco perguntou: “*Quantos anos compreende cada geração?*”, obtendo a resposta “*sessenta anos*”.<sup>32</sup> O que remete ao ano, a contar da data do sonho, de 2003. Provavelmente, se a carta do padre Zai publicada no livreto estiver na íntegra, o primeiro elemento não foi utilizado por desconhecimento. E o segundo, de qualquer forma, diluiria em muito as expectativas de progresso e enriquecimento do país a curto prazo. Mas esta não seria a única serpente do paraíso do petróleo de Lobato.

No entanto, não se pode esquecer que o conteúdo desse sonho recebe um reforço especial e particular quando colocado à luz de uma tradição arcaica assentada na existência de um paraíso terrestre, ou de um novo mundo. E nesse caso específico, considerar o Brasil enquanto provável paraíso não traz nada de original. Basta arrolar a infinidade de textos,

---

*cultural tendem a perpetuar-se, mesmo depois de desaparecida sua justificativa.*” (pp.11-12) E que a tendência “*popular de orientação material pelos sonhos*” permanece nos moldes medievais. Grunbaum entende por “*medievais ou pré-modernas*” as “*civilizações orientais e ocidentais*” anteriores a Descartes.

<sup>30</sup> VASCONCELOS, 1983: 10. Esclarece o autor que a inicial em minúscula de Brasil está no original de Dom Bosco que é considerado o texto mais autêntico da transcrição do sonho “com correções do próprio punho de Dom Bosco”.

<sup>31</sup> Idem, 9.

<sup>32</sup> Idem: 10.

poemas e canções, incluindo o hino nacional, que dialogam diretamente com essa visão. A abundância traduzida em leite e mel e as pedras preciosas e o ouro traduzidos em petróleo.<sup>33</sup> Outro detalhe é que esta não foi a única vez que esse sonho foi usado “publicitariamente”, inclusive com o mesmo sentido e muito mais força. Ele está na base da campanha pela construção de Brasília.<sup>34</sup>

### **Encontrando a serpente das águas**

---

<sup>33</sup> Agradeço essa observação ao professor Dr. Hilário Franco Júnior, da USP. Veja-se que a remissão ao leite e mel associada à idéia de terra prometida, ou paraíso, além da abundância, coloca também o sonho de Dom Bosco em linha direta com uma tradição de textos religiosos que, de alguma forma, incentivaram deslocamentos e buscas, ou mesmo guerras. É a Canaã de Moisés e do povo hebreu, é o Oriente das Cruzadas. Diz Hilário Franco que o papa Urbano II, em 1095, “ao pregar a Cruzada, chamava a atenção para o fato de que a terra que habitais é estreita e miserável, mas no território sagrado do Oriente há riachos de leite e mel”. (H. F. Júnior. *As Utopias Medievais*. p.32) A vinda efetiva da ordem dos salesianos para o Brasil, dirigida por Dom Bosco, ocorre alguns meses antes do sonho, em junho de 1883, embora as negociações entre ele e Dom Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, se dessem desde 1877. (“O Brasil Deixado por D. Luis de Lasagna”, Em: *Boletim Salesiano*. pp. 2-3) Isso de certa forma pode levantar a hipótese de que a visão referia-se restritamente ao contexto salesiano e aos destinos da sua missão no Brasil. Mas isso já é outro assunto.

<sup>34</sup> HOLSTON, 1983: 23-4. Segundo o autor “a profecia de João Bosco é um dentre os vários mitos de fundação oficialmente reconhecidos nos monumentos e nos livros de história da cidade”. Trata-se do “legado de uma mitologia do Novo Mundo em que a construção de uma capital no Planalto Central seria o meio de desencadear o florescimento de uma grande civilização num paraíso de abundância”. (p.23) Nota-se que os pressupostos são os mesmos da *Cia. Matogrossense de Petróleo*, anos antes, incluindo o florescimento de uma grande nação, próspera e civilizada, a partir da descoberta do petróleo em Mato Grosso. No que se refere à relação do sonho com a construção de Brasília o padre José de Vasconcelos informa que “os representantes mais altos da Congregação Salesiana jamais se pronunciaram sobre o assunto.” (J. de Vasconcelos. Op.cit. p.11)

É curioso observar como o sonho profético de Dom Bosco vai encontrar-se com um mito na visita de Monteiro Lobato a Mato Grosso, criando um espaço para onde convergem sonho, profecia, ciência e mito.

Pelo que se viu acima, Lobato, provavelmente, percorreu o Mato Grosso e desembarcou em Cuiabá, repleto de todas as expectativas que sustentavam a campanha do petróleo, certamente preocupado não só com a sua divulgação mas também em poder comprovar suas assertivas. Ele mesmo havia falado dos “*sinais*” de petróleo que o solo mato-grossense emanava. Nada mais natural, então, do que conhecer e verificar *in loco* um desses sinais.

Às margens do rio Cuiabá, próximo da cidade, há uma região denominada Pari:

*“O Pari não se caracteriza como uma comunidade mas sim como uma região à beira-rio. De antiga fazenda, foi através do tempo desdobrando-se em poucas casas que margeiam o rio.”*<sup>35</sup>

No tempo da visita de Lobato, ainda mantinha-se a estrutura de fazenda e local de pesca para a população da cidade. Como o escritor chegou até lá, não foi possível esclarecer, mas o mais importante é o porquê de ele ter ido ao Pari.

Os moradores e mesmo os pescadores de final de semana, lidavam, ou andavam às voltas, amedrontados com um monstro, em forma de serpente, o Minhocão. Segundo diziam, o monstro morava naquelas águas. Contava-se que, em seus momentos de fome, revolvava-se no leito do rio, provocando um enorme rebojo, um grande barulho, trazendo à tona todas as sujeiras do fundo do rio. Quando o Minhocão se acalmava, via-se o seu escuro dorso na superfície da água. Falava-se também que nas praias adjacentes era possível, fazendo um buraco na areia, obter-se fogo, esquentar café e até mesmo cozinhar. Essas histórias transitavam à época entre a barranca do rio e a cidade. Lobato é levado até a região.

---

<sup>35</sup> LEITE, 1985: 2.



Nas praias do Pari, o escritor deve ter se defrontado com uma descrição da aparição do monstro muito próxima da seguinte:

*“Era um domingo à tarde. Eu estava cansado de pescar, encostei a canoa aqui. Aí quando foi umas três para quatro horas, canoa encostada, me surgiu um rebojo. Da parte que surgiu o rebojo dava uns oito a dez metros de fundura. Ele rebojou, rebojou um diâmetro assim redondo de uns três a quatro metros. E o rebojo que veio de baixo tinha um, fora do nível da água, pelo menos um meio metro de rebojo. E veio junto com esse rebojo areia e folha podre do fundo do rio. Aí, estava cheio de gente e todo mundo viu aquilo. Aí, todo mundo correu, eu corri também.”<sup>36</sup>*

Esse fato era visto pelos moradores como a manifestação do monstro Minhocão. Diz Benedito Barreto:

*“Desde que eu me entendi por gente, desde que eu nasci já existia. Aquele pessoal mais antigo até brigava em falar que, que, era Minhocão.”<sup>37</sup>*

O monstro não se manifestou enquanto Lobato estava no Pari, mas ele testou e comprovou a história de que na praia era possível conseguir fogo:

---

<sup>36</sup> Idem: 77-8. Este relato recolhido por mim, no Pari em 1994, descreve o fato ocorrido em 1991, narrado por Alberico Conde, morador do bairro Santa Izabel, em frente à região do Pari.

<sup>37</sup> Idem: 69-70. Relato de Benedito Oscarito Barreto, seu Ditão, um dos moradores mais antigos do Pari. Gravei nossa conversa em 1994, devo a ele a informação de que Monteiro Lobato visitara o Pari. Os dados que seu Ditão forneceu-me, sobre a estada do escritor no local, foram apenas pontuados em uma nota de rodapé de minha dissertação de Mestrado, para posterior pesquisa, o que faço agora com esse trabalho. Esclareço com isso que toda a discussão que travo aqui não está presente na dissertação.

*“Antes do almoço ele fez a pesquisa. Então ele mandou um senhor enfiar uma estaca. Até, parece que, 30 centímetros, ou mais um bocadinho até. Jogava o fósforo, pegava fogo. Mas durante o dia você só via a labareda, aquele, como se fosse um troço de raio laser. Aí, quando foi no escurecer, tava escuro, ele mandou novamente, aí que ele viu a chama.”*

38

E dessa observação decorreu a sua conclusão:

*“A conclusão dele, ele achou que aquilo não deixava de não ser um petróleo. Mas que aquilo era um gás, chamado gás metano. Gás metano. Que esse gás era produzido com folhas que desciam no leito do rio no tempo da enchente. E como ali era um remaço, uma espécie de funil, a folha acumulava toda ali naquela coisa e comprimia. Ela comprimia e ia apertando, apertando, quando não tinha mais onde apertar ela dava um estrondo. Era bummmm! Caía arvoredo que tava perto da beira do rio, caía dentro d’água. E começava a borbulhar.”*<sup>39</sup>

Poder-se-ia a partir daqui caminhar para uma conclusão, apontando elementos que vão caracterizar a interpretação dos antigos moradores do Pari como uma lenda e, enquanto tal, explicação fabulosa ou sobrenatural, localizada

---

<sup>38</sup> Júnio Pereira Cuiabano. Nossa conversa foi gravada em 25 de Janeiro de 1996. Seu Júnio, ainda garoto, pescava no Pari no dia em que Lobato lá esteve.

<sup>39</sup> Júnio Pereira Cuiabano. Não encontrei o significado da palavra “remaço” (ou remasso?). Deduzo, pelo contexto, que se trata de um sinônimo de rebojo, pois a região é de poços e a água está sempre formando redemoinhos.

geograficamente e ligada a um local como informação etiológica etc.<sup>40</sup>

Mas parece-me mais frutífero e proliferante tentar pensar o processo pelo qual se estabeleceu a relação entre o mito e sua explicação natural, o que aponta diretamente, nesse caso, para as formas de observação da natureza, nas maneiras como elas se dão e no intercâmbio que se estabelece entre os textos orais e escritos no conjunto sobre o Minhocão do Pari.

Se se partir do princípio que essa manifestação da natureza, de expansibilidade gasosa por acúmulo de detritos no rio, forma, quando acontece, uma paisagem específica do rio naquele local, e se se estabelecer que:

*“A paisagem é uma certa relação entre um fenômeno topográfico e climático e determinada cultura; relação entre um grupo de circunstâncias geográficas e um grupo social. Isto significa que toda paisagem é uma construção mental, um ato de cultura.”*<sup>41</sup>

Tem-se daí que, na visita de Monteiro Lobato ao Pari, o que se encontra, em verdade, são dois olhares com óticas culturais relativamente diferentes sobre a mesma paisagem. Um apontando para o mito, outro apontando para a ciência.<sup>42</sup> E mais, o olhar que se volta para o mito insere essa

---

<sup>40</sup> Ver a esse respeito M. Simonsen. *O Conto Popular*. E. L. C. Cascudo. *Dicionário do Folclore Brasileiro*.

<sup>41</sup> A. CORBOZ. “Geologia Extrapolada: de Viollete-le-Duc a Bruno Taut”, Em: *A Ciência e o Imaginário*. p.139

<sup>42</sup> Esses olhares já haviam se encontrado antes, na pena do Visconde de Taunay e de Saint-Hilaire. Os dois viajantes-cronistas ao se defrontarem com a história do Minhocão, que não tem nada a ver com a do Pari, levantam hipóteses de explicação natural. Mas tanto em um como em outro permanece a dúvida. Taunay fala que “*entre a maior cobra e semelhante monstro há como que interrupção (na natureza) e falta de tipos intermedios.*” E Saint-Hilaire expressa a necessidade da região (Goiás caminho para Mato Grosso) ser visitada por “*zoologistas a fim de que possam estudar cientificamente o caso e estabelecer de maneira precisa o que é exatamente o Minhocão.*” Embora ele levante a tese de que pode ser “*uma espécie mais possante do Lepidosiren.*”

paisagem específica numa longa e variada tradição mítica do próprio rio como serpente.<sup>43</sup> Como fala Simon Schama:

*“(...) embora afirmem que a cultura ocidental evoluiu, abandonando seus mitos da natureza, estes, na verdade, nunca desapareceram. Se, (...), toda nossa tradição da paisagem é produto de uma cultura comum, trata-se, ademais, de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos.”<sup>44</sup>*

Cabe também arrolar aqui o conceito de circularidade, desenvolvido a partir da formulação de Bakhtin, por Carlo Ginzburg.<sup>45</sup> Obviamente, não se pode falar em diferença radical entre a esfera de cultura de Monteiro Lobato e os antigos moradores do Pari. São diferenças relativas e com muitas intersecções. Mas nem por isso deixa-se de criar “a influência recíproca” entre elas. Ou melhor, as próprias intersecções. Isso se manifesta nitidamente nos relatos que atualmente se encontram tanto no universo oral, no Pari, quanto no escrito, em livros de autores mato-grossenses.

---

(M. C. Leite. Op. cit. cap.2.1. *Na Trilha dos Viajantes*. pp. 106 e segs.) A diferença aqui é que essa “discussão”, ou olhares, não se incorporou ao mito como ocorreu no Pari.

<sup>43</sup> Diz Bachelard que quando o rio recebe a imagem da serpente ele se torna mau. (G. Bachelard. *A Terra e os Devaneios do repouso*. p.207). Delumeau fala que “as águas profundas” (mar, rio ou lago) eram consideradas “abismos prontos a engolir os vivos”. E Produziam uma infinidade de monstros. (J. Delumeau. *História do medo no Ocidente*. pp.46-50). O folclorista brasileiro Luis da Camara Cascudo afirma que “a serpente ser o próprio rio dispensa comentário para quem estuda folclore”. (L. C. Cascudo. *Geografia ....* p.134). Para Hernâni Donato o Minhocão é um monstro presente “em quase todos os grandes rios brasileiros”. (H. Donato. *Dicionário das Mitologias Americanas*. p.172). Em meu trabalho de Mestrado, localizei-o na extensão do rio Cuiabá, sentido Pantanal, e no rio Paraguai. Convém ressaltar que em nenhum outro lugar ele aparece como no Pari. Ou seja, ligado a uma paisagem específica.

<sup>44</sup> SCHAMA, 1993: 24.

<sup>45</sup> GINZBURG, 1987: 24.

De maneira geral, não seria disparatado inferir que a explicação de Lobato, reduzindo tudo ao acúmulo de folhas no leito do rio e produção de gás metano, tivesse “matado” o Minhocão. Ou seja, o olhar mítico tivesse sido posto de lado em prol do olhar da esfera científica.

Entretanto, ao que tudo indica, isso não ocorreu. Pelo menos não radicalmente. De alguma forma o mito fez da explicação científica sua própria sobrevivência. E, talvez, o contrário também possa ser pensado. Isso significa dizer que, em alguns casos mais marcadamente que outros, não se encontra contemporaneamente relatos, no Pari ou na bibliografia mato-grossense, que apresentem apenas um lado, onde a explicação venha isolada do mito ou o mito isolado dela. Isto denuncia explicitamente o entrelaçamento, no próprio mito, de dois olhares, duas construções culturais sobre a paisagem oriundas de esferas, até certo ponto, distintas: a esfera mítica e a científica.

Alguns exemplos ilustram essa afirmação:

*“Existe esse gás, que hoje em dia tá mais fraco. Noutro tempo era forte, ele desmanchava, dentro de, de meia hora ele acabava com a praia. E aqueles antigos falavam que era Minhocão.”<sup>46</sup>*

Apesar de a referência aos “antigos” relativizar a relação, percebe-se que ainda assim os dois olhares estão presentes no texto oral. Outro relato, no Pari, pode melhor configurar a situação atual:

*“Aí, foi o comentário: uns, foi o Minhocão, outros, é, pode ser, gás natural que existe aqui. Falam que existe o gás aqui e falam que isso aqui é morada do, é morada do Minhocão.”<sup>47</sup>*

---

<sup>46</sup> Benedito Oscarito Barreto. (apud Leite. Op.cit. p.70).

<sup>47</sup> Alberico Conde. (apud Leite. Idem. p.78).

Convém lembrar que o relato acima narra o acontecimento ocorrido em 1991, em fim de semana, presenciado por muitas pessoas e não só por moradores do Pari. É preciso considerar também que mesmo nos relatos que afirmam não existir e que “não existia Minhocão, mas criou essa lenda” ele ainda assim está presente e não totalmente desvinculado da explicação. A simples explicação do gás metano resgata-o e o traz à tona ao negá-lo.

Dessa mesma forma o texto oral transportou-se, ou circulou, para o universo do texto escrito, na bibliografia mato-grossense sobre o monstro Minhocão. Deve-se também não desconsiderar a possibilidade de que o texto escrito tenha de alguma forma feito um movimento inverso. Ou seja, influenciado o texto oral à medida em que possa, de alguma forma, ter circulado para a beira do rio, além de, e posterior a, Monteiro Lobato.

Um primeiro detalhe é que quase a totalidade dos autores registraram-no como “Minhocão do Pari”. O que é possível supor que na esfera urbana e do texto escrito o monstro relaciona-se diretamente ao local. Mas verifiquei em meu trabalho de mestrado que o Minhocão está presente praticamente em toda a extensão do rio Cuiabá e que nas comunidades ribeirinhas ele em nada se liga ao Pari ou à paisagem específica daquele local. Isso quer dizer que no texto oral, fora do Pari, não se fala que sua morada é lá ou faz-se qualquer referência a esse local. Ele está no rio. Ainda que alguns autores não se refiram explicitamente à paisagem do Pari, a evocação do local remete diretamente a essa região e às peculiaridades que o mito lá assumiu. Os autores falam que é o local onde o Minhocão “mora” ou tem seu “ninho”.<sup>48</sup> Ou descrevem, apesar de não falar, ou nomeá-lo como “do Pari”, sua aparição muito próxima da que narra, no texto oral, o rebojo causado por ele.<sup>49</sup> Portanto, sua sobrevivência no texto escrito também atrela-se, de algum modo, à explicação dessa paisagem.

Mas é Francisco Ferreira Mendes quem vai, em 1977, transpor o implícito e radicalizar, no texto-letra, a relação

---

<sup>48</sup> MENDONÇA, 1975 e RODRIGUES, 1985.

<sup>49</sup> RONDON, 1972.

entre o olhar mítico e o científico sobre o fenômeno natural. Diz ele no texto denominado *Minhocão do Poço do Pari*:

*“Nas proximidades da barra do arroio do Pari (...), o poço do mesmo nome é um mistério a intimidar constantemente o espírito supersticioso do caboclo ribeirinho. (...) As enchentes periódicas arrastam para o fundo do perau detritos, argueiros carbonizados dos campos, folhas secas e outras substâncias desorganizadas, que constantemente caem na torrente, vão contribuir para a fermentação produtora das emanações gasosas. (...) A compressibilidade do gás mantido no fundo do poço, vencida pela força da expansibilidade gasosa, provoca de quando em quando verdadeiro turbilhão nas águas do poço, vindo à tona todas as impurezas do leite, num borbulhante formidável, amedrontando os pescadores, que com a alma transida, fogem de perto, ameaçados quiçá pela fúria do Minhocão fabuloso, que ali mora e que certamente exasperado pela fome estivesse a dar rabanadas, enovelando-se na lama do fundo do rio.”<sup>50</sup>*

Vê-se aqui claramente a permanência de um embricamento que estipulou-se, muito provavelmente, nos idos de 1936, e que embora com intenção contrária garantiu, em parte, a permanência do mito. Resta verificar então por que processo a “paisagem-monstro” já construída, o mito, aceitou ou permitiu a introdução da “paisagem-gás”, a explicação natural, em sua própria constituição.

Penso que, talvez e no limite, seja possível falar em uma espécie de tecido mítico que, ao invés de opor-se, e assim decretar o seu desaparecimento, dilatou-se e distendeu-se, ao ponto de incorporar um outro tipo de pensamento em sua trama ou tessitura, e assim sobreviver. Algo próximo da

---

<sup>50</sup> MENDES, 1977: 58-9.

transformação dos mitos como a entende Lévi-Strauss. Ela pode afetar “*ora a armadura, ora o código, ora a mensagem do mito, mas sem que este cesse de existir enquanto tal.*”<sup>51</sup> E como isso se deu no caso da constituição do Minhocão do Pari?

Arrisco-me a arrolar a possibilidade de que, para a imaginação do homem ribeirinho, a esfera científica de um fenômeno da natureza seja tão fantástica, fabulosa e sobrenatural quanto o próprio mito. E assim, ela não se encontra em oposição, mas, no limite, é introduzida como parte da própria matéria mítica que, por sua constituição assim moldada e elaborada, permite a confluência e a articulação de um outro olhar - outra construção cultural na relação com a paisagem - que *somente em tese* pertence a outro estrato, ou estágio. Apesar de Lobato ter explicado “*para todo mundo que não era o Minhocão*”<sup>52</sup>, e mesmo estando envolto em folhas podres e gases, incorporando em sua trajetória profecias e sonhos de petróleo, o Minhocão ainda está lá preparando-se para sua próxima aparição. E a cada estrondo ou rebojo das águas do rio no Pari ele retorna à superfície com esse jogo pseudo-dialético que é a sua própria constituição, expondo junto com o seu dorso escuro uma combinação possível do caleidoscópio mítico. Afinal de contas, “*perceber o contorno fantasmagórico de uma paisagem, sob a capa superficial do contemporâneo*”, ou da explicação científica, “*equivale a perceber, intensamente, a permanência dos mitos.*”<sup>53</sup>

## Bibliografia

A CAMPANHA DO PETRÓLEO. O *Matto Grosso*. Cuiabá, 20 de Novembro de 1936.

A *CIÊNCIA E O IMAGINÁRIO*. Trad. bras. Ivo Martinazzo. Brasília: UnB, 1994.

---

<sup>51</sup> LÉVI-STRAUSS, 1977: 91.

<sup>52</sup> Júnio P. Cuiabano.

<sup>53</sup> SCHAMA, 1993: 27.



A COMPANHIA MATOGROSSENSE DE PETRÓLEO. São Paulo: Revista dos Tribunais, sd.

AB'SÁBER, Aziz N. "O Pantanal Mato-grossense e a Teoria dos Refúgios", Em: *Revista Brasileira de Geografia*. Nº especial, tomo 2, ano 50, Rio de Janeiro: 1988.

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios do Repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. Trad. bras. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CABEZA DE VACA, Álvaro N. *Naufraágios e Comentários*. Trad. bras. Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre/São Paulo: L&PM, 1987.

CAILLOIS, Roger & VON GRUNEBAUM, G. E. (orgs.) *O Sonho e as Sociedades Humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CASCUDO, Luis da Camara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, sd.

\_\_\_\_\_. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1983.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente, 1300-1800. Uma Cidade Sitiada*. Trad. bras. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. bras. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOLSTON, James. *A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. Trad. bras. Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LEITE, Mario Cezar S. *A Poética do Sobrenatural no Homem Ribeirinho: O Minhocão*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. mimeo.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Como eles morrem", Em: *Atualidade do Mito*. Trad. bras. Carlos Arthur R. do Nascimento. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

LOBATO, Monteiro. *Conferências, Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

\_\_\_\_\_. *Mundo da Lua e Miscelanea*. São Paulo: Brasiliense, 1948.

\_\_\_\_\_. *O Escandalo do Petroleo*. Depoimentos apresentados à Comissão de Inquério sobre o petróleo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

MELLONI, Rosa Maria. *O Imaginário e o Ideário de Monteiro Lobato: um estudo antropológico*. São Paulo: FE/USP, 1995. (mimeo).

MENDES, Francisco Ferreira. *Folclore Mato-Grossense*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1977.

MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*. 3ª ed. Cuiabá: Edições Igreja, 1975.

NUNES, Cassiano. *O Sonho Americano de Monteiro Lobato*. Imprensa do autor.

\_\_\_\_\_. *O Sonho Brasileiro de Lobato*. Brasília: Imprensa do autor, 1979.

PROJETO RADAMBRASIL. Programa de Integração Nacional, Levantamento de Recursos Naturais. Vol. 26. Folha sd. 21 Cuiabá, Rio de Janeiro, Ministério das Minas e Energia, 1982.

RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá: Roteiro das Lendas*. Cuiabá: NDIHR/UFMT, 1985.

RONDON, J. Lucídio. *Estudos Sociais de Mato Grosso e Ciências*. São Paulo: Urupês, 1972.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória* Trad.bras. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Lécio Gomes de. *História de uma Região: Pantanal e Corumbá*. São Paulo: Resenha Tributária, 1973.

VASCONCELOS, Pe. José de. "O Centenário de um Sonho", Em: *Boletim Salesiano*. Nº 4, 1983.